

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**ENTRE TERRA PRETA ANTROPOGÊNICA E CACOS DE CERÂMICAS: A
EXISTÊNCIA DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NO MUNICÍPIO DE PARINTINS -
AM**

Michel Carvalho Machado¹
Prof^a orientadora: Clarice Bianchezzi²

Resumo: Tendo como principal objetivo mapear os sítios arqueológicos do município de Parintins-AM, esta pesquisa, de localização e registro georeferenciado dos sítios arqueológicos, nos fez perceber que Parintins tem grande potencial para estudos na área de arqueologia por apresentar diversos lugares que apresentam vestígios arqueológicos variados como: Terra Preta de Índio (TPI), cacos de cerâmicas aflorados, coleções particulares de cerâmicas e líticos (vasilhames e cacos, artefatos líticos) e composição da paisagem dos sítios arqueológicos, com diversos tipos de árvores que demonstram transformação antropogênica. Foram visitadas (15) quinze comunidades que compõe a zona rural de Parintins, sendo que destas, onze (11) apresentam material arqueológico e (4) quatro não apresentaram nenhum vestígio, sendo que apenas nove (09) locais puderam ser georeferenciados, e que podem ser visualizado no mapa final da pesquisa. Os locais catalogados e suas devidas informações registradas visam constituir uma base de dados capaz de subsidiar pesquisas nas diferentes áreas do conhecimento de forma multidisciplinares como: arqueologia, história, geografia, física, química, etc. Pois, uma das constatações que fizemos ao iniciarmos essa pesquisa, foi a pouca produção acadêmica sobre a vasta concentração de vestígios arqueológicos na região de Parintins, contudo é recorrente pessoas das distintas comunidades do município, relatarem a presença de evidências arqueológicas nestes locais.

Palavras-chave: sítios arqueológicos; patrimônio; história local, georeferenciamento.

¹ Graduando do curso de História do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas. Bolsista da Iniciação Científica com bolsa de pesquisa FAPEAM. Membro do Grupo de Pesquisas em Educação, Patrimônio, Arqueometria e Ambiente na Amazônia – GEPIA.

² Professora mestre, docente do curso de História no Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas. Vice coordenadora do Grupo de Pesquisas em Educação, Patrimônio, Arqueometria e Ambiente na Amazônia – GEPIA.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho parte da pesquisa do Programa de Apoio à Iniciação Científica – PAIC, realizada no município de Parintins-Amazonas, de agosto de 2017 a julho de 2018, que buscou mapear os sítios arqueológicos, e nos proporcionou perceber o grande número de sítios e a riqueza arqueológica contida neles.

Parintins está localizado a margem esquerda do Rio Amazonas, distante cerca de 369 quilômetros da capital Manaus, é composta por diversas áreas próximas ou afastada, onde estão muitas das comunidades rurais que compõe o município, e foi em muitas dessas comunidades que as nossas pesquisas de campo foram realizadas, pois o foco era buscar mapear ao máximo toda área de Parintins, mas no decorrer da pesquisa percebemos que o tempo que foi delimitado pelo projeto e os recursos financeiros disponíveis para os pesquisadores não seria o suficiente para conseguir atingir o nosso tão sonhado objetivo de conseguir mapear todo município, onde muitos imprevistos foram aparecendo diante do grande número de incidências arqueológicas que tivemos conhecimentos em meio as pesquisas, mas que não poupamos esforços para conseguir chegar até esses locais.

Pesquisas realizadas na Amazônia mostram como esses processos de ocupações ocorreram em diversas áreas, e como esses locais hoje são ressignificados por povos contemporâneos, esses estudos são possíveis através desses achados que muitos são frequentes em diversos locais da região como demonstra Márcia Bezerra (2013) possibilitando essas reflexões.

Na década de 1970, procedeu-se uma pesquisa arqueológica nas áreas de dois afluentes do Baixo Amazonas - os rios Nhamundá e Trombetas. A pesquisa foi realizada com a colaboração do Museu Paraense Emílio Goeldi, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, onde buscaram identificar as fases de ocupação através do complexo cerâmico, nos estilos e composição das cerâmicas encontradas em perfis estratigráficos no momento da escavação. O mapa das áreas pesquisadas e localização dos sítios arqueológicos indicam Parintins-AM, em meio a essas pesquisas, como um dos locais que apresentam sítios arqueológicos, com a identificação da fase pocó e com fragmentos de cerâmica Konduri nos níveis superiores do solo, imagem (01) (HILBERT & HILBERT, 1980. p.02).

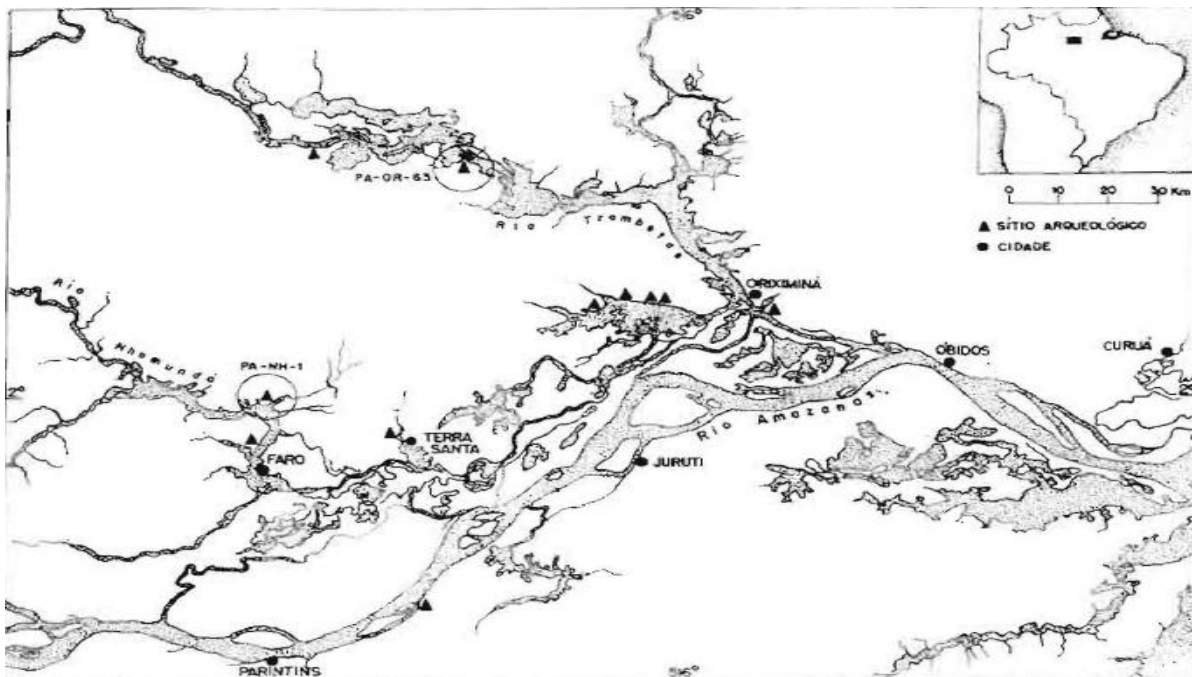


Imagem (01). Fonte: (HILBERT & HILBERT, 1980. p.03)

Essas informações são de grande importância para pesquisas que estão surgindo em meio aos grupos de pesquisa acadêmico, dando suporte para o desenvolvimento e direcionamento para esses trabalhos, mesmo sendo pesquisas que estão surgindo à longo prazo, tornaram-se importante para o desenvolvimento e preenchimento de uma lacuna que ficou na história dos povos aqui fixados antes da colonização da Amazônia.

A pesquisa realizada em 2005, nominada “*Levantamento Arqueológico do Médio Amazonas*” do ano de 2005, teve como objetivo identificar sítios e coleções arqueológicas presentes em onze municípios do Médio Amazonas: Itacoatiara, Parintins, Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Maués, Urucurituba, São Sebastião do Uatumã, Itapiranga, Silves, Urucará e Nhamundá, além de localização, também foi efetuado o georreferenciamento destes sítios (LIMA; SILVA, 2005, p.5).

Em meio a esses resultados, o município de Parintins apresentou 05 (cinco) locais que foram identificados e georreferenciados como sítios arqueológicos: (*Sítio Vila Amazônia* - Coordenadas: 21M 0536944 – UTM 9711353; *Sítio Santa Rita* (AM-PT-01) - Coordenadas: 21M 0561940 – UTM 9726185; *Sítio São Paulo* (AM-PT-02) - Coordenadas: 21M 0561132E– UTM 9728774; *Sítio Lagunho* - Coordenadas: 21M 0558229 – UTM9713160; *Sítio Viana* - Coordenadas: 21M 0526145 – UTM 9707428). Importante destacar que os AM-PT-01 e AM-PT-02, já haviam sido identificados por Hilbert na década de 1970. (LIMA; SILVA, 2005, p.19-36).

Essa pesquisa se tornou importante para o município, os resultados obtidos nesse período foi o suficiente para demonstrar que Parintins-AM era rica em vestígios arqueológicos e que necessita de mais projetos nessa área, para que consiga suprir a necessidade de pesquisas e proteção desses locais, pois muitos são os achados nessa região, mas faltam projetos que consigam dar conta dessa grande demanda.

Com base nessas informações e observação sobre a pouca produção acadêmica a respeito dos vestígios arqueológicos presentes no município de Parintins, buscamos a partir dos dados fornecidos por essas pesquisas acima mencionadas dar destaque e investigar todo município, tanto zona urbana e rural, para fazer o mapeamento desses espaços que apresentam materiais de ação antrópicas do passado.

Para chegar a esses espaços que apresentam vestígios arqueológicos fizemos primeiramente um pré-mapeamento das comunidades com as informações de conhecidos do âmbito acadêmico e familiares que nos indicaram a existência de materiais arqueológicos presentes em algumas comunidades como: cerâmicas indígenas - fragmentos de potes, panelas, pratos, caretas entre outros objetos destacados por essas pessoas, pois um dos grandes indicadores desses sítios arqueológicos é a existência de fragmentos cerâmicos, destacando a cultura ceramista dos grupos humanos que habitaram a região, também pensando na logística de transporte e acesso a esses locais, procuramos saber quais as comunidades mais próximas e mais distantes para organizar o processo de visitas, contudo seguimos de acordo com as condições de acesso que foram sendo oportunizadas.

Muitas vezes pegamos “carona” em meios às oportunidades que nos eram proporcionadas por outras pesquisas como à da APA-Nhamundá, executada pelo Programa de Implementação da Área de Proteção Ambiental – APA Nhamundá³, localizada na área de influência do empreendimento Linhão do Tucuruí, que visitou as comunidades que faziam parte da área de preservação ambiental do município de Nhamundá que incluiu algumas comunidades do município de Parintins, ou pessoas que estavam indo para os locais que tínhamos conhecimento de vestígios arqueológicos, que muitas vezes se disponibilizaram a nos levar de acordo que ajudasse nas despesas de deslocamento.

Importante destacar que no que se refere a orientação legal quando da localização de material arqueológico a lei 3.924 de 1961 orienta que em seu art 18. que a descoberta de bens arqueológicos, devem ser comunicados ao órgão responsável pela sua proteção, ou seja,

³ conf. **Programa de Implementação da Área de Proteção Ambiental** – APA Nhamundá, localizada na área de influência do empreendimento Linhão do Tucuruí.

Instituto de Patrimônio Histórico Artístico Nacional-IPHAN e no art. 17 que a posse e a salvaguarda destes bens arqueológicos são direito imanente ao Estado brasileiro (BRASIL,1961). Desta forma, estamos compondo um relatório que será enviado ao IPHAN – superintendência Amazonas, comunicando todos os sítios georreferenciados nesta pesquisa, para que se faça o devido registro no cadastro nacional dos sítios arqueológicos brasileiros, o que lhe proporciona condições de proteção uma vez efetuado esse registro, de acordo com a legislação arqueológica brasileira⁴.

2. Elementos usados para identificar os sítios durante a pesquisa

Pesquisas realizadas no Médio Amazonas por HILBERT & HILBERT, 1980 e LIMA; SILVA, 2005, destacaram o município de Parintins, também outros municípios do Baixo Amazonas, por apresentarem sítios arqueológicos e diversos vestígios que possibilitam estudos arqueológicos, esses trabalhos se destacam por indicarem riquezas arqueológicas que a região apresenta.

As incidências arqueológicas em Parintins-AM, são constantemente relatadas por moradores das mais distintas comunidades deste município. Indicando a existência de cacos de cerâmica, urnas funerárias, como o caso da comunidade do Macurany no final de 2016, quando um morador localizou uma urna com presença de ossos e dentes ainda presentes no interior da mesma. Caso também ocorrido na comunidade de Santa Rita na Valéria, neste ano de 2018, com repercussão nas mídias municipais e estaduais, como jornais e blogs, destacados por PLANTÃO POPULAR⁵, AMAZONAS ATUAL⁶, JORNAL ACRÍTICA⁷. Alguns destes locais já são registrados como sítios arqueológicos no Cadastro Nacional de Sítios do Instituto de Patrimônio Histórico Artístico Nacional IPHAN, muitos outros não têm registros, mas são

⁴ conf. BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Editora do Senado, 1988; BRASIL. Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961. **Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3924.htm. Acesso em: 16 nov. 2015; PORTARIA IPHAN/MIC nº 230/2002, de 17/12/2002, **sobre os procedimentos arqueológicos necessários ao licenciamento ambiental e o escopo das pesquisas a serem realizadas durante as diferentes fases de licenciamento de obra**. Disponível em: <http://arqueologiabrasil.com.br/arqueologia/Leis.shtm>. Acesso em: 16 nov. 2015; PORTARIA IPHAN/MinC 07, de 01/12/1988, **que normatiza e legaliza as ações de intervenção junto ao patrimônio arqueológico nacional**. Disponível em: <http://arqueologiabrasil.com.br/arqueologia/Leis.shtm>. Acesso em: 16 nov. 2015; PORTARIA IPHAN/MinC nº375, de 17/08/2018, que institui a política de patrimônio cultural material do IPHAN e dá outras providências. Disponível em: http://portal.imprensanacional.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/41601273/do1-2018-09-20-portaria-n-375-de-19-de-setembro-de-2018-41601031. Acesso em: 01 nov. 2018.

⁵ ANO VII. Nº713 Circulação semanal – Parintins, quarta-feira, 08 de agosto de 2018.

⁶ Amazonasatual.com.br/urna-com-ossos-indigenas-de-mais-de-mil-anos-e-achada-no-interior-de-parintins/?amp

⁷ www.acritica.com/channels/interior/news/moradores-da-zona-rural-de-parintins-acham-urna-funeraria-de-mil-anos-no-quintal-de-casa/

conhecidos pelos moradores destes locais e muitas vezes desconhecidos, tanto pela sociedade local, como pelo próprio órgão oficial de patrimônio.

Ao chegarmos nessas comunidades muitos comunitários tinham dificuldades em responder nossa pergunta sobre a existência de “vestígios arqueológicos”, então em meio as nossas conversas expomos o que seriam esses vestígios: Terra Preta Antropogênica -TPA, também conhecida como Terra Preta de Índio – TPI⁸; árvores de castanheiras; cacos de cerâmica; machadinhas indígenas ou pedras de raios. Isso fez com que os moradores nos indicassem vários locais com alguma ou várias dessas características. Então nosso objetivo de identificar com ajuda dos moradores esses lugares que apresentavam tais vestígios, se consolidou, pois, qualquer indicador era averiguado da possível existência de um sítio arqueológico.

Diante dos inúmeros relatos de artefatos pré-coloniais e coloniais que nos chegavam, através de familiares e conhecidos, a pesquisa buscou dar visibilidade acadêmica-científica a esses locais patrimônios do município de Parintins. Além de criar uma base de dados, de localização de sítios arqueológicos, que possa incentivar e subsidiar outras pesquisas no município sobre este tema, como o Projeto Tupinambarana que está ainda em fase de elaboração em parceria do Grupo de pesquisa em Educação, Patrimônio, Arqueometria e Ambiente na Amazônia -GEPIA/UEA/CESP e Museu Amazônico - MUSA.

Na sequência apresentamos três dos principais elementos que buscar identificar que seriam recorrentemente associados, nas pesquisas e literatura amazônica, a sítios arqueológicos: **a)** Terra Preta de Índio (TPI) e Terra Mulata (TM); **b)** Paisagem antropogênicas e **c)** Vestígios de cerâmicas arqueológicas.

2.1 Terra Preta de Índio (TPI) e Terra Mulata (TM)

A existência de sítios arqueológicos pré-coloniais e coloniais na Amazônia não é novidade no ambiente acadêmico. Esses locais contemplam uma rica paisagem onde muitas vezes encontramos castanheiras e Terra Preta de Índio (TPI), como mostra na figura (02), e são lugares que podem revelar muito sobre a história das populações que ali habitavam.

⁸ Esses solos, segundos estudos de solo, se formaram em decorrência da ocupação humana. Também chamados de solos antropogênicos. Resultado do descarte de resíduos orgânicos como ossos, carapaças, conchas, fezes, urina, cerâmica, fogueiras, etc. que contribuíram na modificação das propriedades do solo gerando alta fertilidade (cf. KÄMPF; KERN, 2005; GARCIA; COSTA; KERN; FRAZÃO, 2015).



Imagem (02): Terra Preta (TPI) – Sítio “Santíssima Trindade do Laguiinho”
Foto: Michel Carvalho, 2018.

Esses locais que apresentam Terra Preta Índio (TPI) armazenam parte da história de um povo que por muito tempo foi deixado de lado por não ter um registro escrito, mas a arqueologia deu um novo olhar para esses achados, podendo observar e entender o modo de vida dessas populações através de análises do solo e dos materiais encontrados nesses espaços, conforme figura (02). Muitos desses vestígios como: cacos de cerâmicas indígenas, machadinhas indígenas entre outros, ajudam a compreender como essas populações eram organizadas, suas culturas, suas técnicas variadas, antes e após o contato com o europeu, possibilitando a compreensão da história dos povos que aqui estavam muita antes da chegada da “civilização”, por isso se torna tão importante trabalhos que possibilitem estudos em diversas áreas do conhecimento.

Outro solo muito recorrente em nossas pesquisas, que podem passar despercebido por não apresentarem muitas vezes vestígios de artefatos arqueológicos em seu meio como é mostrado na TPI, é a Terra Mulata (TM), esse tipo de variação do solo antrópico que vai do preto ao cinza (TEIXEIRA, 2008). Só pudemos identificar tal característica com a ajuda do arqueólogo Filippo Starnpanoni, do Museu Amazônico - MUSA, que tem parceria com grupo de pesquisa GEPIA/UEA/CESP, do qual fazemos parte, e que foi importante no diálogo em campo sobre essa pesquisa, proporcionando o conhecimento e identificação desse vestígio arqueológico, em campo.

Esse tipo de variação da terra preta para terra mulata se dá nas proximidades dos locais que mapeamos como sítios arqueológicos, mostrando que a formação de terra mulata

representariam áreas agrícolas permanentes ou semi-intensivas enriquecidas por aditivos orgânicos, diferente da terra preta, formada por uma camada mais funda e escura que apresentariam diversos vestígios culturais em seu meio, essa ideia destaca como muitas áreas passaram também pelo processo de domesticação da vegetação e transformação do solo que compõe esses espaços de sítios arqueológicos, mostrando o entendimento desses povos sobre importância do manejo do solo para cultivos de subsistência e desenvolvimento de técnicas que favorecessem as suas demandas (ARROYO-KALIN, et al 2010, p.890).

O que ocorre muitas vezes são informações dúbias sobre o assunto. Informações que chegam aos moradores por pessoas que tem interesses econômicos nestes locais, como extração de terra, aberturas de estradas e outros. Então pelo fato de ter uma demanda muito grande de novos afloramentos em diversas áreas da Amazônia, em especial o município de Parintins-AM, buscamos através deste projeto estabelecer parcerias com os moradores dessas localidades, para que possamos fazer um trabalho de reconhecimento, catalogação, preservação e salvaguarda dos sítios arqueológicos, pois os maiores protetores, beneficiados, muitas vezes, são as próprias pessoas que estão em contado direto com esses vestígios arqueológicos e que podem indicar esses locais, por morarem nessas áreas ou próximo e terem influência entre os moradores das comunidades, pois o diálogo se torna um pouco difícil se você é um estranho naquela localidade.

A importância de identificar esses locais que têm vestígios arqueológicos como TPI e TM, fragmentos de cerâmica entre outros na composição de seu espaço, nos proporciona entender mais sobre a história desses povos que desenvolveram técnicas e, assim, puderam adaptar-se em meios às dificuldades encontradas no processo de fixação nesses locais, e como esses povos eram organizados e tinham culturas diversas.

2.2 Paisagem antropogênicas

Esses locais delimitados como sítios arqueológicos podem ter as suas particularidades de identificação através da paisagem que constitui o seu espaço, pois a vegetação identificada em meio às pesquisas realizadas por arqueólogos, mostra que ocorreu uma domesticação antrópica em meio a esse mosaico que é a Amazônia, “pois mostram que o processo de interação entre as populações humana pré-coloniais e o meio físico da Amazônia foi bastante rico e que a biota, além de uma história natural, também tem uma história cultural”(NEVES, 2005, p. 80).

Muitas árvores de castanha – sendo que os responsáveis pela dispersão das sementes de castanha, foram e são, a cutia e os humanos - e palmeiras de tucumã, buriti, inajá, açai entre outras, são muito encontradas nesses locais que delimitamos como sítios arqueológicos e que apresentam vestígios arqueológicos diversos em seu espaço, isso acabou chamando a atenção no momento da pesquisa, pois seria esse um dos indicadores para identificar esses locais que guardam vestígios arqueológicos? Para Neves:

A essa natureza humanizada e temporalizada chamamos “paisagem”: espaços constituídos como registros e testemunhas das vidas e trabalhos de gerações passadas que ali viveram, e assim o fazendo, ali deixaram algo de si mesmos. E através do estudo dessas paisagens que, mesmo transformadas no presente, compõem uma parte importante de nossas vidas, que a arqueologia pode contribuir para o entendimento do passado do Brasil. (NEVES, 1995, p.189).

Foi procurando lugares que apresentavam algumas dessas características que conseguimos encontrar muitos vestígios arqueológicos, como alguns fragmentos de cerâmicas indígenas nesses locais, mas que muitas vezes não conseguíamos definir se esses locais seriam sítios arqueológicos, pois não se tinha a autorização do Instituto de Patrimônio Histórico Nacional – IPHAN, para fazer escavações no local e nem um arqueólogo para efetuar tais prospecções, fizemos o georreferenciamento desses locais como “ocorrências”, para servir de base para futuras pesquisas, como pontos que indicam ter vestígios arqueológicos e que necessitam de uma investigação mais aprofundada. Essas dificuldades de identificação do local, era em sua maioria, mata fechada, abertura de campos para criação de gado, queimadas, ou não tínhamos a autorização dos proprietários de alguns terrenos para poder adentrar e investigar melhor.

A imagem (03) mostra a vegetação que encontramos em um desses locais que fizemos o georreferenciamento e delimitamos como sítio arqueológico. Podemos observar algumas palmeiras, já apontadas como indicadores do processo de domesticação antrópica da Amazônia, que é o caso da palmeira inajá, tucumã e diversas árvores frutíferas. Ao fundo, é possível perceber grande densidade de árvores de castanheira, esse foi também um dos indicadores que auxiliaram na identificação e localização de sítios arqueológicos em meio à vegetação amazônica. Entender que a disseminação das árvores de castanheiras pela floresta foi obra de populações humanas no passado possibilita identificar nas proximidades desses castanhais, os sítios arqueológicos, onde a fixação desses povos se deu próximo, pois a castanha que se é retirado do fruto da castanheira tem um grande teor calórico, que seria parte da alimentação desses povos, esse ponto explicaria o porquê dessa disseminação densa pela

floresta Amazônica, e o porquê de ser um dos grandes indicadores da presença de sítios arqueológicos no entorno. (NOGUEIRA, 2012)

Mesmo com a grande importância histórica que esses espaços têm para a história local, se torna meio difícil, sem uma fiscalização de órgãos que protejam esses patrimônios, pois mesmo com registro dessas áreas, ainda há destruição de muitos sítios arqueológicos na Amazônia, devido aos processos de urbanização, projetos de desenvolvimento e turismo sem autorização em áreas de sítios arqueológicos causando impactos de toda ordem a este tipo de patrimônio.

Não é diferente em Parintins, pois além de não ter uma pesquisa que indiquem onde estão estes sítios, ainda temos a negligência do poder público que deveriam contribuir junto com pesquisas científicas para salvaguardar estes bens culturais, exemplo, caso da destruição de várias urnas funerárias e outros artefatos arqueológicos em uma estrada de acesso a uma das comunidades próximo à sede do município de Parintins, devido à ação de máquinas que fizeram a reabertura da estrada em área de sítio arqueológico registrado no IPHAN. Assim, tem se constituído um dos principais desafios na região, o de proteger e salvaguardar tais locais, onde as diferentes áreas do conhecimento possam atuar através de pesquisas multidisciplinares. como: arqueologia, história, geografia, física, química, etc.



Imagem (03): Sítio “Santíssima Trindade do Laguinho”
– vista de cima do sítio
Foto: Michel Carvalho, 2017.

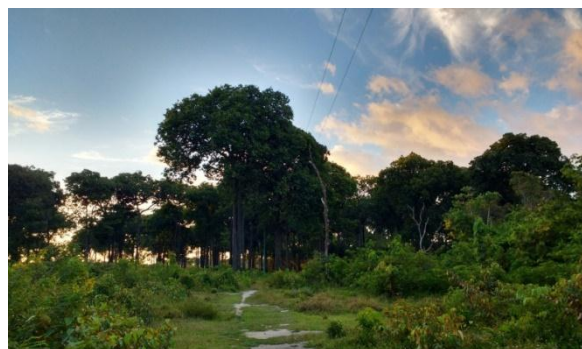


Imagem (04): Sítio do Macurany – paisagem do
espaço – castanheiras nas proximidades.
Foto: Michel Carvalho, 2017.

Com isso essa pesquisa não procurou apenas mapear e reconhecer os sítios arqueológicos de Parintins-AM, mas também trazer à tona informações que demonstram a importância da ressignificação dada pelos moradores a esses locais, esses significados dados ao objeto estudado em geral. Mas, faltam diálogos com esses sujeitos que vivem

cotidianamente com essas incidências ao longo de suas vidas, são informantes dos pesquisadores, indicam com precisão os locais onde estão esses materiais, que muitas vezes não são tratados como parceiros de pesquisa. Estes se relacionam com esses locais, então precisamos entender a importância dos sítios arqueológicos no cotidiano dessas pessoas, uma vez que os mesmos mantêm os locais por diversos fatores que trazem benefício e geram renda na maioria dos casos para essas pessoas – exemplo desenvolvendo agricultura em área de TPI.

Desta forma, buscamos demonstrar com essa pesquisa que Parintins têm muitos sítios arqueológicos desconhecidos, ignorados, desprezados, que merece atenção por parte de pesquisadores, mas também do poder público do municipal e estadual com relação a temas sobre patrimônio, identidade, história local além de políticas efetivas de valorização do patrimônio arqueológico local.

2.2 Vestígios de cerâmicas arqueológicas

A presença de cerâmicas na região do Baixo Amazonas, já foram identificadas por pesquisadas na década de 1970, e apontavam em meio grande riqueza em artefatos arqueológicos no município de Parintins, indicando a presença de cerâmica Pocó, fragmentos de cerâmica Konduri⁹ (HILBERT & HILBERT, 1980).

As cerâmicas apresentam grafias distintas e acabamentos nas bordas desses fragmentos, destacando os padrões usados por essas populações do passado, e perceber a que material esse fragmento pertenceu antes de se fragmentar, imagens 05 e 06 podemos perceber dois exemplos grafismos distintos.

⁹ Essas duas fases de ocupação, destacadas pelos dois tipos de cerâmicas, apontam períodos de ocupação distintas: a fase Pocó seria um período de ocupação mais antiga, e a fase Konduri seria outro processo de ocupação, só que bem mais recente que a fase Pocó. Essa diferenciação foi percebida por arqueólogos que notaram em seus estudos a diferença entre as duas fases por meio da composição de preparo dos objetos cerâmicos, assim também como o seu design e até mesmo a sua resistência (GUAPINDAIA, 2008).



Imagem (05): Cerâmica – Terreno São Marcos – Murituba.
Foto: Michel Carvalho, 2018.



Imagem (06): Cerâmica – Sítio Santíssima Trindade do Laguinho.
Foto: Michel Carvalho, 2018.

O olhar para os fragmentos das cerâmicas indígenas nos permite ter acesso a vestígios de técnicas de produção, assim entender as complexidades culturais desses povos sedentários que desenvolveram uma cultura ceramista para conseguir enfrentar as muitas dificuldades apresentadas pelo ambiente. Lima, Barreto; Betancourt (2016), destacam que:

O design de uma peça é definido por uma complexa combinação de fatores que vão desde as qualidades da argila, as técnicas conhecidas e usadas nas etapas de fabricação dos objetos, o desempenho funcional esperado do objeto, além das escolhas estéticas individuais e coletivas. Porém, mais importante, os objetos cerâmicos, assim como outros, simbolizam escolhas culturais e são, ao mesmo tempo, produtos e vetores de relações sociais. (LIMA, BARRETO, BETANCOURT: 2016; p.20)

Perceber que essas populações desenvolveram técnicas para diferenciar e até mesmo deixar suas marcas nesses objetos, também nos permite obter dados e informações sobre o processo de ocupação dos sítios arqueológicos da região, com bases em critério cronológicos e estilístico presentes nesses fragmentos (LIMA et al, 2016, p.293).

Esses fragmentos de cerâmicas também são indicadores para entender se esses lugares mapeados e georreferenciados são sítios arqueológicos, pois em muitos locais que visitamos que apresentavam TPI, era possível encontrar vários cacos de cerâmica aflorados, ou se próximo desse achado haveria um local que se destacasse por uma grande concentração de resquícios cerâmicos, como mostra a *imagem 07*, na comunidade do Parananema, onde a reabertura da estrada acabou destruindo o sítio arqueológico (*imagem 08*) e aflorou diversas cerâmica, os moradores utilizam diariamente esse percurso para chegar em suas residências e sempre avistam esses materiais aflorados.



Imagem 07: Fragmentos de cerâmica aflorados na margem da estrada da comunidade do Parananema. Foto: Michel Carvalho, 2017.



Imagem 08: Estrada do Parananema. Foto: Michel Carvalho, 2017.

Importante destacar que os sítios arqueológicos, na Amazônia são:

Lugares persistentes que foram ocupados por diferentes populações ao longo do tempo, aqueles lugares tão comuns na Amazônia que os arqueólogos costumam chamar de sítios multicomponenciais, muitas vezes reocupados devido à paisagem ali construída (com elementos tais como terra preta de índio, plantas e árvores frutíferas, caminhos, aterros etc.), a cerâmica ali deixada não só integra esta paisagem produzida, mas também pode ser categorizada por povos que venham a ocupar o lugar enquanto cerâmicas dos ancestrais, dos inimigos, de povos parentes ou simplesmente de “outras gentes”. (LIMA, BARRETO, BETANCOURT: 2016; p.21)

Essas cerâmicas que afloram por vários motivos, nos revelam a história dessas populações que por muito tempo habitaram esses lugares que hoje nomeamos de sítio arqueológico fazendo-se presente na vida das populações contemporâneas de diversas formas.

3. Cenário da Pesquisa de campo: os moradores, os vestígios, os sítios arqueológicos

As pesquisas de campo ocorreram em 15 comunidades da zona urbana e rural do município de Parintins-AM, que havia indicação da existência de vestígios arqueológicos. A recepção nas comunidades visitadas foi acolhedora, as pessoas nos receberam com muito carinho e atenção, quando se entrava no assunto da nossa pesquisa, muitas eram as histórias contadas sobre terem encontrado ou que sabiam de alguém que um dia tinha encontrado esses materiais em algum lugar próximo de suas casas ou em sua rotina na agricultura, pesca e coleta de frutos.

Destacamos que nesta parte do artigo optamos em fazer um relato seguindo o diário de campo, devido à perspectiva etnográfica, conforme Mariza Peirano (2014), que adotamos para a pesquisa de campo, algo recorrente nas pesquisas que envolve campo arqueológico, de acordo como observação participante na perspectiva *teórico-etnográficas* (PEIRANO, 2014).

Entre as quinze (15) comunidades visitadas, onze (11) apresentaram vestígios arqueológicos ou relatos dos moradores sobre a existência de materiais arqueológicos nas localidades, mas apenas nove (09) puderam ser georreferenciadas, pois quando chegamos nestes locais, nos deparamos com o período de cheia dos rios, desse modo, tivemos dificuldades para identificar os vestígios, algumas estavam quase que toda a baixo d'água.

Os registros feitos foram nas seguintes localidades: São José da Vila Bentes; São Sebastião da Boca do Boto; São José do Paraná do Espírito Santo de Cima; São Francisco do Paraná do Espírito Santo de Baixo; Imaculada Conceição do Itaboraí de Cima; Menino Deus do Itaboraí do Meio; São Vicente do Itaboraí do Meio; Santíssima Trindade do Lagunho; Murituba – Terreno São Marcos; Miriti; Bom Socorro e Boa Esperança do Zé Açú; Santa Rita do Igarapé do Boto; São José do Itaboraí de Baixo; Cristo Rei da Boa Vista do Itaboraí do Meio; São José da Brasília; Macurany – estrada que termina no lago (oposto à margem da Vila União).

Apesar de ser um número bastante expressivo de visitas às comunidades, poderíamos ter alcançado um número muito maior, mas o tempo e os recursos financeiros estabelecidos para a pesquisa se tornou pouco diante as muitas informações sobre vestígios arqueológicos no município de Parintins, que nos chegaram.

Outro fator que contribuiu para redução do tempo de pesquisa de campo foi o início do período de chuvas no primeiro semestre de 2018, limitando a saída da zona urbana para as zonas rurais, pois assim como eram feitas as visitas através de transporte fluviais como barcos, lancha ou motor rabeta, também eram feitas visitas por transporte terrestre como motocicleta/moto, e nesse período as estradas ficaram inacessíveis para esse tipo de veículo, ocasionando perigos para o condutor.

Os resultados obtidos na pesquisa de campo, com os locais que apresentavam vestígios identificados e as localizações feitas via GPS, além da situação que esses locais foram encontrados no momento em que foram feitas as visitas foram, inicialmente catalogados em uma tabela que nos ajudou a organizar os locais e os vestígios neles encontrados, proporcionando uma base para a elaboração do mapa (imagem 29) que demonstra, dentro do município de Parintins, geograficamente, onde estão os sítios georreferenciados.

As comunidades pesquisadas se destacaram por apresentarem em sua composição, lugares que tinham vestígios arqueológicos variados e que iam de encontro ao nosso objetivo de pesquisa que seria mapear os sítios arqueológicos do município de Parintins-AM, nesses

lugares apontados pelos moradores foram identificados Terra Preta de Índio (TPI), fragmentos de cerâmicas aflorados em meio ao roçado, por uma ação natural ou em coleções domésticas, castanheiras, diversas palmeiras e outras árvores frutíferas que compoem a paisagem. Na sequência comentaremos um pouco o contato com cada localidade.

A pesquisa realizada na comunidade *Bom Socorro do Zé Açú*, foi bastante gratificante. A recepção dos comunitários foi boa, nos forneceram informações em muitas conversas. Passamos¹⁰ três (03) dias na comunidade e fomos acolhidos, por uma moradora que nos hospedou alguns desses dias. No primeiro dia fizemos o levantamento dos locais que continham vestígios arqueológicos, combinamos com um morador que se dispôs nos levar nestes locais e no dia seguinte fomos a campo.

Após falar com os comunitários, acertamos de irmos no dia seguinte a esses locais que possivelmente apresentavam vestígios de ação humana do passado, ao chegar no local indicado, nos deparamos com um terreno que tinha sido limpo por ações de máquinas para limpar o campo, onde esse local servia para plantar macaxeira como mostra imagem (09) abaixo, e gerar renda para o proprietário do terreno, o mesmo estava no local e nos mostrou as áreas que apresentavam mancha de TPI e cacos de cerâmicas aflorados, e nos disse que esse era um ótimo local para se fazer plantio, 90% do que ele plantava naquele local era certo de produzir e colher.

As evidências arqueológicas só aumentavam no decorrer da investigação do local, ao andar pela área tentamos estimar a distância que a área de TPI poderia ser vista, e o proprietário do terreno disse *‘essa área todinha que eu planto é de terra preta, e aproximadamente ela deve ter uns duzentos metros (200 m) de extensão e uns cinquenta centímetros (50 cm) de profundidade’*, dando a entender que foi uma ocupação a longo prazo. Além da TPI, pudemos identificar também diversos cacos de cerâmicas aflorados e muito fragmentados pelo fato de a terra ter sido revolvida para o cultivo, conforme *imagem 10*. Esses vestígios são de grande importância para compreender o complexo cultural que esses povos tinham em seu meio, e poder identificar as fases de ocupação que aquele local apresentaria através de análise dessas cerâmicas.

¹⁰ Michel Carvalho Machado e Jéssica Guimarães Batalha, ambos graduandos do curso de História e desenvolvendo pesquisas de Iniciação Científica com bolsa de pesquisa FAPEAM e participantes do Grupo de Pesquisas em Educação, Patrimônio, Arqueometria e Ambiente na Amazônia – GEPIA, e, orientandos da mesma professora.



Imagem (09) Sítio Arqueológico - terreno limpo para agricultura – ação de máquinas.
Foto: Michel Carvalho, 2017.



Imagem (10): Cacos de cerâmica fragmentados devido à ação de máquinas.
Foto: Michel Carvalho, 2017.

A situação do sítio arqueológico se encontra em destruição, pois sempre que há um novo plantio na terra as máquinas fazem o mesmo processo para limpar a área e isso ocasiona destruição dos materiais arqueológicos que ainda resistiram ao preparo do solo no plantio do ano anterior.

Em diálogo, com ambos moradores, sobre a importância do local para história os mesmos quiseram contribuir mais e nos informaram de um caco cerâmico que guardado pelo dono do terreno em sua casa por ser bonito, demonstrado na *imagem 11 e 12*. Essa peça apresenta padrão de incisão diferente das que vimos na parte do sítio que caminhamos.



Imagem 11: Coleção particular
Fotos: Michel Carvalho, 2017.



Imagem 12: Coleção particular
Fotos: Michel Carvalho, 2017.

A segunda comunidade visitada no lago foi *Boa Esperança do Zé Açú*, a mesma se destaca por apresentar muitas castanheiras dispersas ao longo das áreas que passamos. Conversamos com alguns moradores, mas os mesmos não sabiam ou diziam nunca tinham encontrado esses tipos de vestígios arqueológicos pela comunidade, após persistir com a nossa investigação, decidimos sair e investigar os arredores da comunidade, fomos até um local que muitas pessoas frequentam nos finais de semana para lazer, um igarapé a cinco minutos da referida comunidade, observando a composição da paisagem desse local, nos deparamos com alguns lugares elevados, como se fossem pequenas montanhas ao redor desse igarapé, e resolvemos olhar mais de perto esses locais.

Ao chegar na elevação percebemos que aquele local tinha sofrido alterações por moradores das proximidades, *imagem 13*, preparando a terra para o cultivo de macaxeira ou mandioca, desse modo ficou bastante difícil identificar a presença de vestígios arqueológicos em meio às cinzas do material orgânico queimado, confundindo a percepção se seria TPI ou apenas terra misturada com os resíduos da queimada recente. Percebemos a presença de alguns cacos de cerâmicas aflorados, como mostra a *imagem 14*.



Imagem (13) Plantação de mandioca ou macaxeira
Foto: Michel Carvalho, 2017.



Imagem (14) Caco de cerâmica aflorado
Foto: Michel Carvalho, 2017.

Por apresentar dificuldade para definir se esse lugar seria um sítio arqueológico ou não, fizemos um ponto GPS e identificamos o local como “ocorrência”, para pesquisas mais aprofundadas no futuro. O terceiro núcleo a ser visitado foi a comunidade *Santa Fé do Zé Açú*, porém devido à chuva que ocorreu no dia não foi possível e nem viável esse trabalho de verificação.

Outra comunidade visitada foi a *Santíssima Trindade do Laginho*, a pesquisa teve o tempo de dois dias e fomos bem recepcionados por um dos moradores da comunidade que nos apresentou para outros comunitários e ajudou na divulgação da pesquisa pela comunidade, o mesmo cedeu um quarto de sua casa para que ficássemos e assim podemos guardar nossas mochilas em quanto à pesquisa de campo fosse executada. O mesmo indicou o seu sobrinho para ser o nosso guia até o local onde ele dizia que seus avós e pais contavam histórias de que não se podia passar, pois ali viveram índios antigamente, era um local que causava medo devido crenças locais.

O tempo não estava muito favorável na região, pois assim que cheguei na comunidade começou a chover e a pessoa que nos abrigou achou melhor esperar passar a chuva e clarear o tempo para que pudéssemos ir até o local, então o mesmo convidou para se juntar com eles a mesa e almoçar, com isso a chuva começou a engrossar ainda mais e acabamos não indo até o local. Durante o almoço, o mesmo contou algumas histórias que contavam sobre o local onde iríamos, isso me chamou bastante atenção, pois aos poucos, algumas falas iam indicando um possível local com vestígios arqueológicos em uma grande área. Com isso passei a noite na casa deles pois a chuva não deu trégua.

No dia seguinte saímos às 08:50min para ir direto ao local indicado pelos moradores da comunidade, pois a chuva havia dado uma trégua, levou cerca de 10 minutos caminhando e mais 15 minutos de canoa a remo, para atravessar o rio e chegar até o local. Ao chegar ao outro lado na margem, caminhamos mais 17 minutos subindo uma pequena “montanha” (um lugar bem alto que os moradores chamam de serra), ao chegar lá em cima, não precisei andar muito para me deparar com alguns cacos de cerâmica fragmentados e terra preta no local, esse achado só foi possível, pois um lagarto (camaleão) estava cavando no local que apresentava terra preta e expondo vários cacos de cerâmica, imagem (15).



Imagem (15): Cacos de cerâmicas aflorados
Foto: David Carvalho, 2017.

Após o primeiro achado, o rapaz que me acompanhou disse ‘*aqui nessa área a gente encontra muito essa terra preta, ela tem aproximadamente um (01) metro de profundidade, toda essa serra, tem terra preta*’. Continuamos andando pelo local em busca de mais evidências, o mesmo durante a nossa caminhada enfiava o terçado/facão na terra para demonstrar a terra preta, e cada enfiada que ele dava na terra, acabava aflorando um caco de cerâmica quando ele puxava, com isso fiz um ponto GPS nesse local que apresentava uma grande concentração de TPI. Chegamos a um local, que dava uma visão da área em baixo e do chamado de Lago Grande. Um pouco mais distante o rio Amazonas, e ao lado superior direito da imagem, é possível enxergar a serra da Valéria – região indicada em várias pesquisas por apresentar grande riquezas em artefatos arqueológicos. Seria uma visão privilegiada para populações que habitavam esse local no passado que parece ser estratégico, conforme podemos observar, o destaque, na *imagem 16*.



Imagem (16): Vista do Sítio Arqueológico “Santíssima Trindade do Laguinho”
Foto: Michel Carvalho, 2018.

Percebi logo abaixo que havia desbarrancamento de terra devido às chuvas recorrentes na região, por consequência, várias cerâmicas afloraram, bordas, bases e outras partes de peças, *imagens (17) e (18)*, estavam expostas por toda parte do barranco do local (serra). Além desse primeiro local, em outros três locais, bem próximos a esse, era possível ver com facilidade o afloramento de cerâmicas, TPI, fiz no total cinco (05) pontos de GPS, indicando os locais que apresentavam maior concentração de material cerâmico e TPI visível.

Esse sítio arqueológico fica localizado nas terras do morador e proprietário de várias terras na região, mas o mesmo não se encontrava no local. Por ser dono de várias cabeças de

gado o mesmo migra eles de local com certa frequência, isso nos ajudou a entender o estado de fragmentação das cerâmicas encontradas, pois os gados (que em sua maioria são búfalos) pisoteia a terra e com isso os cacos de cerâmicas acabam sendo fragmentados muito mais no período em que os animais estão naquele espaço.

O sítio apresenta uma vegetação variada, diversas palmeiras podem ser avistadas nos locais como: tucumã, inajá, mucajá e outras árvores frutíferas. Além desse local que visitei, outros próximos me chamaram atenção por apresentarem a mesma característica de espaço-paisagem, lugares que poderiam também servir de pontos estratégicos e habitação para populações no passado, mas pelo fato de não ter muito tempo preferimos não ir a esses locais voltamos para o alojamento.



Imagem (17): Desbarrancamento de Terra, afloramento de materiais arqueológico. Foto: Michel Carvalho, 2018.



Imagem (18): Caco de cerâmica aflorado – base. Foto: Michel Carvalho, 2018.



Imagem (19): Vista de cima do terreno “São Marcos”
Foto: Michel Carvalho, 2018.

Após chegar da pesquisa de campo no sítio arqueológico do Laguinho, encontrei outro morador da comunidade, que conversou comigo e se interessou a perguntar sobre a pesquisa que estava fazendo na região, em nossas conversas o mesmo disse que em seu terreno na comunidade do “Murituba” tinha uma área extensa de TPI, mas que nunca tinha observado se existia cacos de cerâmicas, ele se dispôs a nos levar ao local conhecido como “Terreno São Marcos”. Levamos cerca de quinze minutos (15min) da casa onde estávamos alojados. Chegando percebi que o local também possibilitava uma visão favorável para o rio e outras áreas, *imagem (19)*, além de ser um lugar de fácil acessibilidade ao rio. A vegetação tem as mesmas características apontadas em pesquisas sobre domesticação antrópica da Amazônia (NEVES, 2006) como, palmeiras de tucumã, mucajá, inajá e árvores de castanheiras.

O espaço apresentava grande extensão de TPI, vários cacos de cerâmica. Conversando com o proprietário do terreno, ele disse que a profundidade aproximada da TPI era de aproximadamente, cinquenta centímetros (50 cm). Ele estima isso, pois já tinha feito extração de terra nesse local, mas que não sabia que os cacos de cerâmicas seriam de povos indígenas que viveram na região. Ele ficou surpreso quando expliquei o processo de formação da terra preta gerada pelo processo de ocupação dessas áreas, o mesmo disse *‘eu achava estranho mesmo quando eu cavei nesse local, pois aparecia esses pedaços de barro, mas eu pensava que era pedaços de tijolos, mas ao mesmo tempo eu ficava me fazendo a seguinte pergunta, mas quem trouxe esses tijolos pra cá se não tem nenhuma construção aqui perto? Mas agora estou entendendo de onde vem esses pedaços de cacos velhos’*. Ouvindo-o percebi que ele já tinha tido contato com o material arqueológico, só não sabia do que se tratava.

Caminhando pelo local ele me mostrava onde era possível ver os cacos de cerâmica arqueológica, encontramos o lugar que ele mencionava ter esses fragmentos de cerâmica, encontramos um caco que era possível ver os riscos (desenhos) decorativos desse utensílio *imagem (20)* e outros afloramentos próximos, *imagem (21)*. Destacamos há existência de grande riqueza de vestígios arqueológicos presente nesse espaço. Fizemos o ponto GPS, para georreferenciar o local e anotações no caderno de campo.



Imagem (20): Fragmento de Cerâmica – afloramento
Foto: Michel Carvalho, 2018.



Imagem (21): Fragmento de Cerâmica – afloramento
Foto: Michel Carvalho, 2018.

A comunidade do Miriti apontada como local que os moradores encontravam com frequência materiais arqueológicos durante suas atividades como preparo da terra para agricultura ou até mesmo caminhando pela comunidade, visitamos e perguntamos sobre vestígio arqueológico como cacos de cerâmica, machadinha indígena ou TPI. Em uma de nossas paradas pela estrada para pedir informações, um morador nos indicou procurar na comunidade *Nossa Senhora de Aparecida do Miriti*, onde a sua esposa teria uma possível coleção particular desses objetos que eram feitos pelos índios. Fui direto para a comunidade. Ao chegar fui até a residência dos mesmos, mas eles não se encontravam, dona Rosa havia viajado para a capital Manaus, e seu Francisco tinha saído para resolver algum assunto particular. Apenas deixei uma ficha com as informações necessárias para que entrassem em contato quando os mesmos estivessem em casa.

Continuei a observar a comunidade e conversar com alguns moradores que encontrava pelo caminho, pude observar que o local apresentava castanheiras próximas a algumas residências, e área que passei apresenta uma terra mais escura e acessibilidade de poucos metros ao rio, isso me deixou, continuei falando com os moradores da comunidade procurando mais informações. Assim, caminhando, me indicaram uma das moradoras mais antigas que poderia me ajudar em minha busca, então fui até a casa dessa senhora, fui bem recebido e convidado a entrar para tomar um café na casa de dona Maria, 81 anos de idade, ela foi bastante acolhedora e se dispôs a me contar um pouco da história do local.

A mesma dizia “antes de fazerem a escola, a igreja, o campo e essas outras casas, quando ainda tinha poucas casas, a maioria era de madeira, nada de tijolo, a gente

encontrava muito essas coisas que os índios deixaram quando foram embora daqui, mas a gente não sabia a importância disso, e foi ficando, foi se perdendo com o tempo, eu tinha alguns pedaços aqui em casa, mas meus filhos pegavam para brincar e iam deixando por aí, e ia se perdendo... Ela saiu da mesa ainda conversando comigo sobre o assunto e diz que ainda tinha um desses pedaços por lá, mas que não sabia onde tinha deixado, começou a procurar e logo achou próximo a um forno de fazer farinha, onde ela tinha guardado, quando a mesma trouxe o objeto, vi que era um aplique cerâmico, parte de algum vasilhame, conforme imagem 22 e 23.

Ela disse: *Olha esse aqui é um que eu ainda guardo, que achei aqui na comunidade quando o trator revirou toda essas terras aí, quando abriram esse campo aqui da comunidade. Isso aparecia aos montes, quando a gente estava capinando, a gente sempre achava também, mas a gente achava pegava, olhava, e jogava...*



Imagem (22): Coleção particular - Maria Cursino Bulcão
Foto: Michel Carvalho, 2018.



Imagem (23): Coleção particular - Maria Cursino Bulcão
Foto: Michel Carvalho, 2018.

Conversando com dona Maria, explicando um pouco sobre as características de um sítio arqueológico e o que pode ser encontrado nesses locais, ela só fez confirmar o que eu estava suspeitando quando parei para olhar o solo da comunidade de cor mais escura. Ela disse *“isso tudo aqui é terra preta, essa ponta toda (área que a comunidade foi construída) da comunidade é terra preta. Tudo que a gente planta aqui fica bonito e pega rápido. Aqui na parte de trás de casa eu fazia um roçado de maniva e sempre foi bom de plantar as coisas aqui nessa terra. Eu fazia até um canteiro e tirava essa terra daqui pra colocar lá. Você teve sorte de me encontrar aqui em casa hoje, eu estaria ajudando meu filho uma hora dessas na*

roça, mas hoje não fui, porque ele disse que não ia demorar, e que era pra mim ficar em casa descansando e fazer a comida. Parece que ele adivinhou (risos)”...

Dona Maria ressaltou a importância desse trabalho, de manter a história local da comunidade ainda viva, pois aos poucos os moradores mais antigos da comunidade estão morrendo, com eles vai uma parte dessa história, *“eu não sou estudada, mas eu sei a importância do seu trabalho. Eu penso muito no futuro, não no meu, pois está acabando, mas penso no futuro dos meus filhos e dos meus netos que estão crescendo, e nem um deles sabe disso que você está falando, e sobre a importância desses objetos para a história. As pessoas acabam não percebendo que a gente mora em cima da riqueza e não sabemos aproveitar, mas também porque falta o conhecimento sobre o assunto, deve ter vários lugares com essas coisas que o senhor procura, mas muitas pessoas acabam não querendo ajudar ou tem receio de falar sobre o assunto, mas quem acaba perdendo não é só você, mas a comunidade toda, pois assim como você está aprendendo comigo, eu estou aprendendo com você hoje, e as pessoas não conseguem entender que isso também é um ganho, e que se pudesse ajudar mais, eu ajudaria”*. A fala de dona Maria é bastante gratificante em meio às dificuldades que encontramos ao longo da pesquisa de campo, serviu de estímulo para continuar as buscas.



Imagem (24): Cacos de cerâmica aflorados na TPI.
Foto: Michel Carvalho, 2018.

Ao me despedir de dona Maria em frente à sua casa, por acaso olhei para baixo e vi vários cacos de cerâmicas aflorados, só que muito fragmentados em meio à terra preta, como mostra a *imagem 24*, tirei um ponto GPS, fiz registros fotográficos, comprovando o que ela tinha dito sobre achar em todo local da comunidade esses vestígios arqueológicos e que por ventura sua casa também tinha sido construída em cima desse sítios arqueológico. Assim

também como toda comunidade de *Nossa Senhora de Aparecida do Miriti*, tive dificuldade para identificar se a casa de dona Maria tinha sido construída em cima da terra preta, pois havia uma areia branca por cima, mas quando vi os cacos de cerâmica aflorados, limpei com uma pazinha de jardim a areia e logo abaixo pude identificar a TPI.

Após todas essas evidências e observação do espaço da comunidade, cheguei à conclusão que a mesma foi construída em cima de um sítio arqueológico, mas que pelo processo de desenvolvimento da comunidade, esse local tem sofrido constantes transformações devido esses processos de ocupação humana no presente.

Outro local pesquisado foi à extensão da comunidade do Macurany que já tem sítio arqueológico catalogado, georreferenciado e registrado pelo IPHAN, sob o número: Processo IPHAN nº 01490.000902/2015-29 (SILVA, 2016), mas a nossa pesquisa não se deu no mesmo local onde esse registro foi feito, procurando conhecer mais a área dessa comunidade e até onde se estendia o sítio, seguimos¹¹ até o fim da estrada (destaque na imagem 25) que termina no lago Parananema, margem oposta a ocupação do Bairro da União, pois a faixa de castanheira (destacado na imagem 25) nessa área é muito extensa, chamando a atenção do nosso projeto que busca identificar esses vestígios arqueológicos variados. Para nossa surpresa quando chegamos ao fim da estrada nos deparamos com vários cacos de cerâmica aflorados e muito fragmentados devido à reabertura da estrada, *imagem 25 e 26*.



Imagem (25): Fragmento de cerâmica com borda
Foto: Michel Carvalho, 2018.



Imagem (26): Cacos de cerâmica aflorados
Foto: Michel Carvalho, 2018.

¹¹ Neste dia estavam comigo a professora orientadora deste trabalho e o professor História, Jorge de Carvalho Lima.

Essas evidências ficavam mais numerosas de acordo com o nosso caminhar pela margem do lago, pois vários fragmentos também eram encontrados em meio à areia da praia que surge durante o período da vazante do lago, evidenciando que o processo de ocupação ia muito além do local onde foi delimitado, primeiramente, como sítio arqueológico, que novas medidas deveriam ser tomadas para proteger esses locais, pois em alguns casos a desculpa da destruição de muitos sítios arqueológicos em Parintins, dar-se por falta de informação sobre o lugar ou a falta de delimitação, conhecimento oficial deste sítios¹².

A pesquisa de campo nessa área foi bastante gratificante porque pudemos levantar a hipótese de períodos de ocupação nesse local de acordo com o período de cheia ou vazante do lago do Parananema, pois assim como a área que não sofria inundação da água apresentavam vários fragmentos de cerâmicas, a área que fica de baixo d'água no período de cheia também apresentou e até um pequeno vasilhame de cerâmica quase completo, imagem (27) e (28), evidenciando que povos de acordo com os períodos do ano, habitavam distintas áreas. Fizemos os registros fotográficos e pontos GPS.



Imagem (27): Vasilhame de cerâmica – afloramento
Foto: Michel Carvalho, 2018.



Imagem (28): Vasilhame de cerâmica – afloramento – circunferência.
Foto: Michel Carvalho, 2018.

As três comunidades a seguir já haviam encontrado vestígios arqueológicos segundo alguns conhecidos e moradores durante a formação das mesmas, ainda seria possível encontrar no local indicado pelos moradores.

A comunidade do *Menino Deus do Itaboraí do Meio*, segundo os residentes no período de seca dos rios é possível encontrar na praia que se forma em frente à comunidade

¹² Art 18. A descoberta fortuita de quaisquer elementos de interesse arqueológico ou pré-histórico, histórico, artístico ou numismático, deverá ser imediatamente comunicada à diretoria do patrimônio histórico e artístico nacional, ou aos órgãos oficiais autorizados, pelo autor do achado ou pelo proprietário do local onde tiver ocorrido (BRASIL,1961).

vários pedaços de panela, potes, pratos e outros feitos de barro. Hoje menos frequente antigamente era mais recorrente, mas ainda há em meio à areia.

Outra comunidade visitada foi a *Imaculada Conceição do Itaboraí de Cima* onde o morador relatou que no período em que a água baixa, ainda se encontra vários cacos de panela, cerâmicas com desenhos e bordas feitos de barro, machadinha indígena, ele se dispôs a nos levar, em outro momento, até o local próximo a sua casa onde é possível ver o material descrito. Fizemos o ponto GPS de sua residência para futuras pesquisas no local.

Na comunidade *São José da Vila Bentes* encontramos uma moradora de 50 anos de idade, vice-presidente da comunidade, ela relatou que *‘durante a seca dos rios se acha muito na frente da comunidade, no verão é muito comum encontrar na beira do rio pedaços de panela de barro, mas fica por lá, porque não tem nenhuma utilidade para nenhum morador daqui’*, evidenciando a existência desses vestígios.

Essas três comunidades foram mapeadas como ocorrências, pois só tínhamos os relatos dos moradores a respeito dos vestígios arqueológicos, são indicadores, uma vez que através dos relatos que conseguimos chegar a lugares que apresentavam materiais arqueológicos diversos e servem como prova de que um dia naquela localidade, existiram vestígios dos povos que habitaram a região tempo atrás. Não deixamos de fazer o ponto GPS, pois para eventuais pesquisas será importante ter esses indicadores sobre a existência de materiais arqueológicos e assim poder executar uma investigação mais a fundo e com mais tempo nessas comunidades.

A limitação de acesso nestas três foi porque o período de visitas era na época do auge da cheia dos rios, dificultando a nossa investigação, uma vez que a maioria dos locais indicados ficavam a frente da comunidade, área que estava a baixo d’água.

As pesquisas de campo nos forneceram informações relevantes para a elaboração de um mapa, que segue, indicando a existência de sítios arqueológicos em diversas áreas de Parintins, proporcionando uma base de dados que ajudarão futuras pesquisas arqueológicas na região a respeito do objeto estudado, destacando a grande riqueza arqueológica que o município tem e que ainda é desconhecido pela população local e órgãos públicos.

O mapa elaborado destaca as comunidades que georreferenciadas, os vestígios arqueológicos identificados, à identificação de sítio/ocorrência e a situação que o mesmo foi encontrado durante a pesquisa de campo. Esses resultados dão visibilidade mostram que Parintins tem potencial para futuras pesquisas em arqueologia, dialogando com diversas áreas do conhecimento e proporcionando novas visões a respeito do assunto.

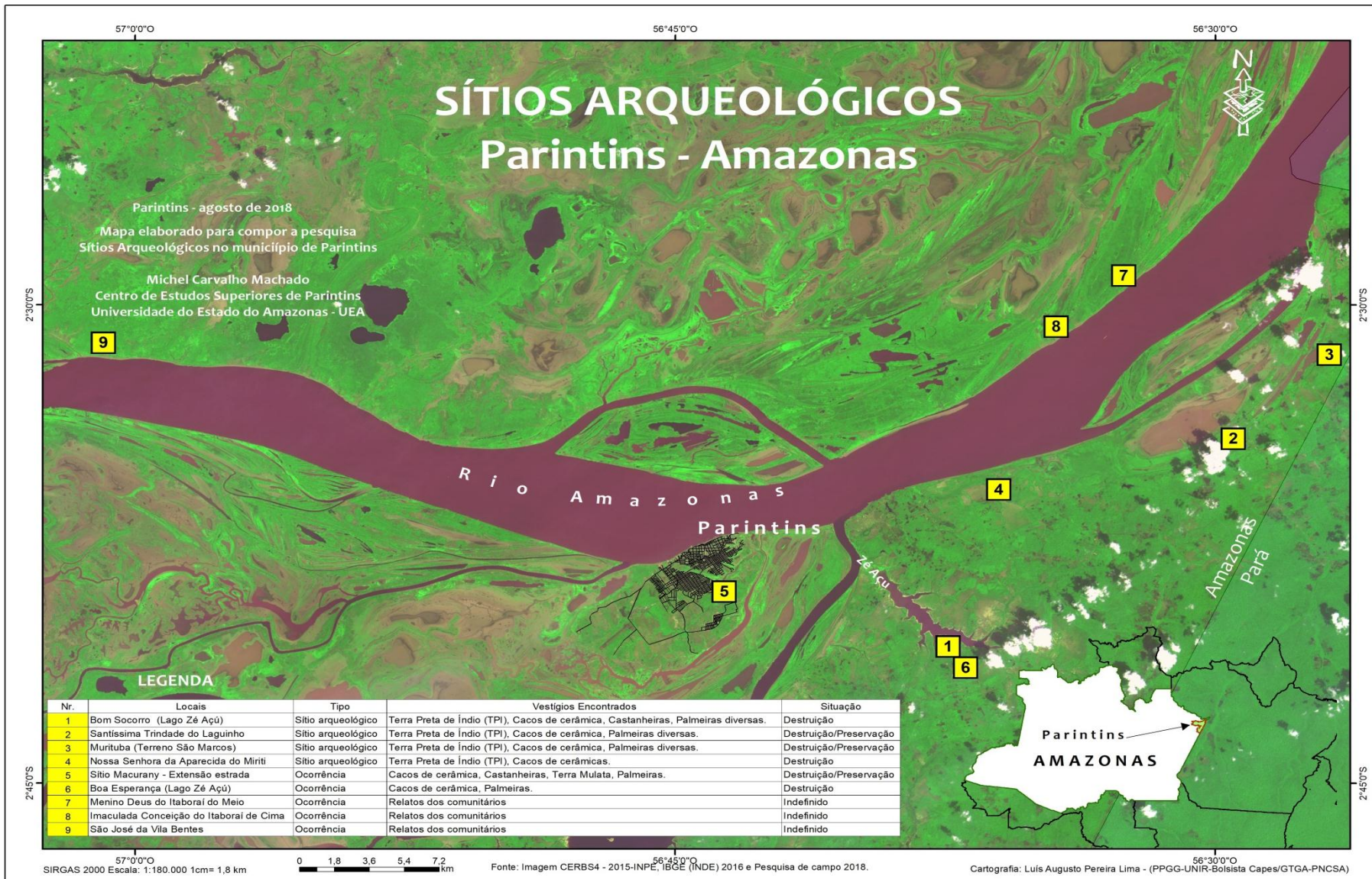


Imagem 29 – Mapa dos Sítios Georreferenciados durante a pesquisa de Iniciação Científica - PAIC

4. Terminei! Não é bem assim: novos e instigantes resquícios arqueológicos

O projeto foi de grande importância para a divulgação da cultura material que pouco conhecida como tal no município, e dentro das próprias universidades locais, visto que, são diversos os achados que ocorrem quase que, diariamente, em várias áreas de Parintins, mas que acabam não tendo a devida atenção e valorização pelo desconhecimento, por não terem um espaço na cidade que receba para guarda e por termos apenas este grupo de pesquisa que atuo que vem iniciando as pesquisa¹³ visando a valorização, preservação e estudos desses vestígios arqueológicos.

Após o início dessa pesquisa muitos foram os lugares visitados e várias foram às pessoas que conversamos a respeito desse trabalho, divulgando para o público parintinense e despertando o interesse de muitos a respeito do projeto desenvolvido. Com isso, muitas pessoas nos procuraram para relatar sobre a existência de materiais arqueológicos em suas comunidades, em particular, no quintal de suas casas. Aumentando o número de relatos mesmo após o encerramento da iniciação científica em julho de 2018.

Um desses achados surpreendentes que ganhou destaque nas redes sociais¹⁴ do município e do estado, foi proporcionado pelos moradores da comunidade Santa Rita de Cássia, na região da Valéria, que no dia 02/08/18 entraram em contato com o Grupo de pesquisa em Educação, Patrimônio, Arqueometria e Ambiente na Amazônia - GEPIA/CESP/UEA, para relatar o achado de uma urna funerária indígena encontrada no quintal de casa e pedir orientação de como proceder como o material.

Esse achado ocorreu porque os moradores da referida comunidade executavam a construção de uma casa e faziam extração de terra no quintal para fazer o aterro da residência, os mesmo já estavam na segunda extração, quando se deparam com um vasilha de barro no fundo do buraco (buraco de aproximadamente, 90 centímetros de profundidade), *imagem 30*, retiraram o vasilhame e colocaram em uma mesa no quintal, como mostra a *imagem 31*.

Ao retirar um pouco a terra que havia caído dentro da vasilha, se depararam com ossos e compreendera que aquela era uma urna funerária indígena, no dia seguinte procuraram para nos informar sobre o achado. Esse conhecimento dos comunitários sobre os materiais se

¹³ GEPIA, fundando em 2017, com o objetivo de dar suporte a demanda de pesquisa na área que vinham sendo empreendidas por alguns pesquisadores que hoje compõem o grupo.

¹⁴ ANO VII. N°713 Circulação semanal – Parintins, quarta-feira, 08 de agosto de 2018.

Amazonasatual.com.br/urna-com-ossos-indigenas-de-mais-de-mil-anos-e-achada-no-interior-de-parintins/?amp
www.acritica.com/channels/interior/news/moradores-da-zona-rural-de-parintins-acham-urna-funeraria-de-mil-anos-no-quintal-de-casa/

dá, pelo fato de que pesquisas e projetos realizados na comunidade de Santa Rita de Cássia, na região da Valéria, direcionados para os materiais arqueológicos e a importância destes, fez com que os moradores participassem e atuassem preservando esses patrimônios encontrados.

No dia 04/08/18 fomos¹⁵ até a comunidade para ver o material que foi encontrado e tentar embalar o mesmo de modo a resguardar até junto com MUSA e IPHAN pudesse fazer o tratamento adequado que o material merece. A vasilha cerâmica se encontrava muito frágil e estava se fragmentando toda, assim também os ossos, pelo fato do contato com o oxigênio e outros fatores que tiraram esses vestígios do seu lugar de conservação, causando a fragmentação dos mesmos.

Os moradores estavam aguardando a nossa ida até a comunidade, fomos bem recebidos por todos, o assunto do momento na localidade era a urna indígena, mas o que incomodava mesmo, era se o material iria continuar na comunidade ou não, um dos moradores nos indagou com a seguinte pergunta, “*esse material vai ficar aqui, ou vocês vão levar embora?*”, nós ficamos bastante surpresos com a pergunta, pois em outras pesquisas tivemos conhecimento ou soubemos as pessoas comumente querem se livrar de materiais que tivessem relação direto com mortos ou tinham medo dos locais que apresentavam esses indícios – e o que tínhamos ali eram ossos de um sujeito completo, possivelmente!

Após muitas conversas e apresentações explicamos para os residentes e uma seria de pessoas que vieram ao local naquele dia que estávamos lá, respondemos perguntas sobre dúvidas diversas referente ao achado arqueológico, da importância histórica- arqueológica ao fato que não poderíamos retirar ou levar o material, por não termos autorização do órgão legal e também não termos um espaço para abriga-la na cidade de Parintins, dentro da legalidade que envolve patrimônio arqueológico, nosso trabalho era apenas fazer embalar achado e para tentar na medida do possível salvaguardar essa urna para que esse os ossos fossem conservados para pesquisas futuras em laboratório adequado, procurar parcerias para que esse patrimônio recebesse os cuidados devidos, pois já fazia parte da história da ocupação passada da Amazônia e da história do presente da comunidade.

Os moradores ficaram bastante contentes com a notícia de que o material iria continuar ali sob a guarda dos moradores que os acharam, nos acompanharam, auxiliaram, no processo de limpeza e embalagem da urna em base firme e dos cacos de cerâmica que compunham a tampa da mesma, *imagem 32 e 33*. Destacamos que a preocupação e

¹⁵ Michel Carvalho Machado, Jessica Guimarães Batalha, Daiane Cristina de Souza e Souza, todos membros do Grupo de Pesquisas em Educação, Patrimônio, Arqueometria e Ambiente na Amazônia – GEPIA.

entendimento sobre os materiais arqueológicos encontrados na comunidade, se deve, possivelmente, devido a trabalhos de educação patrimonial e valorização da cultura local, executados por pessoas que se desenvolveram pesquisas e trabalhos desta natureza na região da Valéria, envolvendo as práticas cotidianas dos moradores em relação ao sítio arqueológico e o turismo local, caso da arqueóloga Helena Lima, no âmbito do Projeto Baixo Amazonas, com pesquisas de campo que envolveu escavação e atividades de educação patrimonial na comunidade Santa Rita de Cássia/Valéria, trabalho conjunto entre IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e PAC – Projeto Amazônia Central - MAE-USP (LIMA; SILVA, 2005) e a pesquisa de mestrado desenvolvida por Naia Dias (DIAS, 2016).



Imagem (30): Extração de terra – local onde estava a urna
Foto: Michel Carvalho, 2018.



Imagem (31): Urna funerária indígena com presença de ossos.
Foto: Michel Carvalho, 2018.



Imagem (32): Pedacos da tampa da urna funerária.
Foto: Michel Carvalho, 2018.



Imagem (33): Urna funerária embalada em base de isopor.
Foto: Michel Carvalho, 2018.

A primeira impressão que temos quando se fala de uma urna funerária indígena, é que seria um recipiente grande, mas quando chegamos no local onde o objeto estava, vimos que se parecia com uma panela de barro, o objeto cerâmico tinha 1,30m (um metro e trinta centímetros) de circunferência, 45 cm (quarenta e cinco centímetros) de largura e 16 cm (dezesseis centímetros) de altura, sendo que tampa que fechava a vasilha estava quebrada. O que se pode entender nesse contexto, é que não seria um enterramento primário, mas sim secundário¹⁶, pois se observa na imagem, podemos perceber que os ossos estão sobrepostos um em cima do outro, mas isso seria uma hipótese, pois não se tem ao certo as técnicas que eram utilizadas por essas populações, com isso georreferenciamos o achado com as seguintes coordenadas GPS: S 02.47757° ; W 056.44393° ; Elevação: 47m.

A arqueóloga Helena Pinto Lima e equipe ao desenvolver o Projeto Baixo Amazonas, possibilitou novos olhares para esses achados, mostrando que o material arqueológico encontrado naquela localidade pertencia a história da que a venda desses fragmentos de cerâmica ocasionava perda de parte dessa história local¹⁷. Ao ver o posicionamento dos moradores hoje a respeito da importância deste achado ficar na comunidade, percebo que os trabalhos foram de grande importância e que hoje está dando frutos, pois após acharem o material, procuraram ajuda para preservar esse achado.

Com a iniciativa desses projetos e pesquisas de cunho investigativo, novas oportunidades se apresentaram a essa população, em primeiro momento a venda desses materiais arqueológicos eram frequentes na comunidade, hoje com esses novos olhares, a preocupação em manter esses objetos como parte da sua história local fez com que essas pessoas adotassem outros meios para gerar renda para a comunidade, com isso a venda de artesanato e confecção de réplicas das peças de cerâmica antiga pelos próprios moradores, se tornou o cartão postal e o principal atrativo da localidade (DIAS, 2016).

¹⁶ Podemos definir os enterros secundários como coleções ou agrupamentos de ossos não articulados no contexto de uma escavação arqueológica, que seriam o resultado de um complicado tratamento do cadáver, envolvendo dois ou mais estágios, incluindo a remoção da carne, com uso de ferramentas ou por decomposição natural; o agrupamento ou desenterro dos ossos depois de um período de tempo; e o enterro definitivo, de forma individual ou coletiva. (UBELAKER, 1989)

¹⁷ Conforme, artigo de Lima, H.P.; Moraes, B.M. e Parente, M.T.V. “Tráfico” de Material Arqueológico, Turismo e Comunidades Ribeirinhas: Experiências de uma Arqueologia Participativa em Parintins, Amazonas. Revista de Arqueologia Pública, 8, 2013, p. 61-77.

Outro achado que nos surpreendeu, foi relatado por um morador que reside em área do centro de Parintins, que também em obra de reforma e ampliação da sua casa, em particular a construção de uma piscina, os trabalhadores encontraram vários materiais arqueológicos como: vários cacos de cerâmicas, líticos – machadinhas, *imagem 34, 35, 36 e 37*. O mesmo divulgou nas redes sociais e tivemos conhecimento, desta forma pudemos registrar e catalogar o referido local.

Esse afloramento foi de grande importância para destacar a existência de sítios arqueológicos em área do centro de Parintins, destacando uma preocupação com esses vestígios arqueológicos que podem ser encontrado por diversas ações em qualquer parte do município, e que muitas vezes não podem ser registrados ou catalogados se não houver uma parceria com os moradores onde esses materiais são encontrados.

O destaque para esse achado é a presença de cerâmica Pocó, até então pouco registrada em Parintins, em pesquisas arqueológicas, destacamos que a identificação deste tipo cerâmico foi feita pelos arqueólogos Helena Lima (Museu Emilio Goeldi – Pará) e Filippo Stampanoni (Musa – Amazonas) através das fotos enviadas via email:

Coordenadas GPS: S 02.62250° ; W 056.72865° ; Elevação: 33m



Imagem (34): Material arqueológico encontrado
Fotos: Proprietário da residência, 2018.



Imagem (35): pedaço cerâmico possível tampa de urna. Foto: Michel Carvalho, 2018.



Imagem (36): Caco cerâmico Pocó.
Foto: Michel Carvalho, 2018.



Imagem (37): Caco cerâmico Pocó.
Foto: Michel Carvalho, 2018.

Em meio a uma investigação e pesquisa de campo na orla do município de Parintins – frente da cidade, sobre a erosão fluvial, o professor e pesquisador José Camilo Ramos de Souza que também faz parte do grupo de pesquisa GEPIA, identificou a presença de materiais arqueológicos na margem do rio, esses materiais segundo o professor estavam sendo trazidos para a margem devido ao desbarrancamento de terra, fui até o local para investigar a informação.

Logo que chegamos no local indicado, não precisamos andar muito encontrar inúmeros fragmentos cerâmicos, e outros indicadores de que ali foi um lugar de habitação dessas populações indígenas. A área investigada começa das proximidades do matadouro até o Porto da cidade de Parintins, e em todo nosso percurso encontramos diversos vestígios arqueológicos, entre eles TPI que se estendem na margem do rio por um longo percurso, *imagem 38 e 39* entre vários fragmentos de cerâmicas, *imagens 40 e 41*. A coordenada GPS desse sítio: S 02.62078° ; W 056.72749° ; Elevação: 5m.

Esses novos achados aflorados destacam o grande potencial arqueológicos que Parintins tem e, a riqueza da variedade de fases cerâmicas que demonstra distintas ocupações, bem como ocupações de longa duração como o caso da cerâmica Pocó. Parintins desponta, com essa pesquisa, no cenário das potencialidades de informações arqueológicas que é capaz de fornecer.



Imagem (38): Erosão fluvial – faixa de TPI em destaque.

Foto: Michel Carvalho, 2018.



Imagem (39): Aplique cerâmico zoomorfo, possivelmente, da fase Santarém.

Foto: Michel Carvalho, 2018.



Imagem (40): Caco cerâmico Pocó

Foto: Michel Carvalho, 2018.



Imagem (41): Caco cerâmico

Foto: Michel Carvalho, 2018.

Se até o momento poucas pesquisas e produções acadêmicas foram feitas a respeito dessa cultura material que nos remete a uma história do passado e que possibilita contar um pouco mais sobre as populações que estiveram aqui antes do processo colonização, além de evidenciar o modo de vida desses grupos e técnicas desenvolvidas para se manter nesses espaços que hoje chamamos de sítio arqueológico, pois as sociedades pré-históricas são estudadas através dos elementos que compõe uma cultura arqueológica (BARRETO, 2010, p. 55), acreditamos estar contribuindo para ampliação deste cenário na região.

Considerações finais

O presente estudo almejou mapear os sítios arqueológicos existentes no município de Parintins, mas ao desenvolver da pesquisa, vimos que o tempo que foi estipulado não seria suficiente diante da grande demanda de sítios arqueológicos identificados e outros que

estavam sendo indicados, além de todo contexto que esses achados trazem com relação aos moradores dessas comunidades visitadas, as características dos objetos arqueológicos encontrados nas proximidades de suas casas.

A pesquisa se tornou de grande importância em meio ao público acadêmico, pois a mesma partiu da pouca produção sobre o tema abordado, procurando destacar tanto a zona urbana quando a zona rural do município, onde ambas guardam grandes riquezas em artefatos arqueológicos, tanto aqueles que estão aflorando e estão presente no dia a dia desses moradores em meio as suas atividades de roçado, construções, criação de gado, quanto aqueles que se tornaram coleções particulares por apresentarem algo que desperta interesse e curiosidade.

Destacamos também a necessidade de políticas públicas voltadas para educação patrimonial que busquem dialogar com os moradores dessas comunidades/sítios arqueológicos, buscando construir parceria, estudos e projetos que possam salvaguarda esses patrimônios com pesquisas nessas áreas dando visibilidades a esses espaços que muito podem revelar sobre a história dessas populações que habitaram a região amazônica muito antes do contato com os portugueses/colonizadores, possibilitando novas escritas sobre a história de Parintins e da Amazônia.

Os achados deste segundo semestre de 2018, alertam para algo que não se pode negar a existência de sítios arqueológicos em Parintins é muito maior do que se imaginava nas pesquisas acadêmicas até então, além de indicar a construção da orla da cidade sob um grande e rico sítio arqueológico.

Referências bibliográficas

BARRETO, Mauro Vianna. **Abordando o passado:** uma introdução à Arqueologia. Belém: Paka-Tatu, 2010.

BEZERRA, Marcia. **As Moedas dos Índios?** Um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para os moradores da Vila de Joanes, Marajó, Brasil. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 6, p. 57-70, 2011.

BEZERRA, Marcia. **Os Sentidos Contemporâneos das Coisas do Passado:** reflexões a partir da Amazônia. Revista Arqueologia Pública, v. 7, p. 107-122, 2013.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Editora do Senado, 1988.

BRASIL. Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961. **Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3924.htm. Acesso em: 16 nov. 2015.

BARROS, Cristiana; LIMA, Helena Pinto Carla; BETENCOURT, Jaimes (org). **Cerâmicas arqueológicas da Amazônia:** rumo a uma nova síntese. Belém: IPHAN: Ministério da Cultura, 2016.

DIAS, Naia Maria Guerreiro. **Sítio Arqueológico São Paulo, Valéria/AM:** turismo e patrimônio cultural: Dissertação de Mestrado, Parintins, 2016.

GARCIA, Lorena; COSTA, Jucilene Amorin; KERN, Dirse Clara; FRAZÃO, Francisco Juvenal Lima. *Caracterização de solos com terra preta: estudo de caso em um sítio tupi-guarani pré-colonial da Amazônia oriental.* In: **Revista de Arqueologia**, v.28, p.52-81, 2015.

GUAPINDAIA, Vera Lúcia Calandrini. **Além da margem do rio – a ocupação Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA:** Tese de doutorado, São Paulo, 2008.

HILBERT; HILBERT. **Resultados Preliminares da Pesquisa Arqueológica nos Rios Nhamundá e Trombetas, Baixo Amazonas.** BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELOD, Belém, Pará, Brasil. N° 75, 1980.

KÄMPF, Nestor.; KERN, Dirse Clara. *O solo como registro da ocupação humana pré-histórica na Amazônia.* In: P. TORRADOVIDAL, L. R. F. ALLEONI, M. COOPER & A. P. SILVA (Ed.): **Tópicos em ciência do solo:** 2005, 1. ed., v. 4: 277-320. Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, Viçosa.

LIMA, Helena Pinto; BARRETO, Cristiana; BETENCOURT, Carla; Jaimes. **Cerâmicas arqueológicas da Amazônia:** rumo a uma nova síntese. In: BARRETO, Cristina; LIMA, Helena Pinto; BETENCOURT, Carla; Jaimes (org). **Cerâmicas arqueológicas da Amazônia:** rumo a uma nova Síntese. Belém: IPHAN: Ministério da Cultura, 2016. P. 19-31.

LIMA, Helena; SILVA, Carlos. **Levantamento Arqueológico do Médio Amazonas.** Manaus, IPHAN 1a SR, Relatório não Publicado, 2005.

Lima, H.P.; Moraes, B.M. e Parente, M.T.V. **“Tráfico” de Material Arqueológico, Turismo e Comunidades Ribeirinhas:** Experiências de uma Arqueologia Participativa em Parintins, Amazonas. *Revista de Arqueologia Pública*, 8, 2013. p. 61-77.

MARTINS, José Clerton de Oliveira. *Patrimônio cultural: sujeito, memória e sentido para o lugar.* In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (org) **Cadernos do patrimônio cultural:** educação patrimonial. Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015.

MURAKI. **Programa de Implementação da Área de Proteção Ambiental – APA Nhamundá,** localizada na área de influência do empreendimento Linhão do Tucuruí. Manaus: Impresso, 2016.

NEVES, E. G. **O lugar dos lugares.** Escala e intensidade das modificações paisagísticas na Amazônia Central pré-colonial em comparação com a Amazônia contemporânea. In: *Ciência & Ambiente*, Vol. 31, 2005. pp: 79-91.

NEVES, E. G. Villiage fissioning in Amazonia: a critique of monocausal determinismo. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnografia**, v. 5, p. 192-209, 1995.

NEVES, Eduardo G.. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

NEVES, W.A. O Meio Ambiente e a Definição de Padrões de Estabelecimento e Subsistência de Grupos Caçadores-Coletores: o caso da bacia de Alto Guareí. **Revista de Pré História**, São Paulo, 1984, v. 6, p.175-180.

NOGUEIRA, Salvador. **O fator Humano**. Disponível em: [http://amazonia.org.br/2012/09/o-fator humano](http://amazonia.org.br/2012/09/o-fator-humano). Acessado em 01/02/2018.

PEREIRA, Edithe; GUAPINDAIA, Vera. **Arqueologia Amazônica -V2**. Belém: MPEG; IPHAN; SECULT, 2010.

PEIRANO, Mariza. *Etnografia não é método*. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

PORTARIA IPHAN/MIC nº 230/2002, de 17/12/2002, **sobre os procedimentos arqueológicos necessários ao licenciamento ambiental e o escopo das pesquisas a serem realizadas durante as diferentes fases de licenciamento de obra**. Disponível em: <http://arqueologiabrasil.com.br/arqueologia/Leis.shtm>. Acesso em: 16 nov. 2015.

PORTARIA IPHAN/MinC 07, de 01/12/1988, **que normatiza e legaliza as ações de intervenção junto ao patrimônio arqueológico nacional**. Disponível em: <http://arqueologiabrasil.com.br/arqueologia/Leis.shtm>. Acesso em: 16 nov. 2015.

SILVA, Karliney Souza da. **Sítio arqueológico do Macurany: da "invisibilidade" à espaço de ações educativas**. Trabalho de Conclusão de Curso (História). Universidade do Estado do Amazonas, 2016. pp.21.

TEIXEIRA, W.G. Terra Preta de Índio: fatos e mitos dos solos antrópicos da Amazônia: JUNIOR, A.O.; CAMPOS, R.M.V.B.(Eds.). **Fertbio: desafios para o uso do solo com eficiência e qualidade ambiental**. Londrina, Embrapa Soja: SBCS, IAPAR: UEL, 2008. 1-11.

UBELAKER, D. H. **Human skeletal remains: excavation, analysis, interpretation**. Washington: Taraxacum, 1989. (Manuals on Archeology, 2).